

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - REVOLUÇÃO
4 e 27 de setembro de 2024

VIVA VILLA! / 1934

Um filme de JACK CONWAY

Realização: Jack Conway (Howard Hawks, não creditado) / **Argumento:** Ben Hetch e Howard Hawks, a partir do livro de Edgcomb Pinchon e O. B. Stade / **Director de Fotografia:** James Wong Howe, Charles G. Clarke / **Música:** Herbert Stothart / **Conselheiro Musical:** Juan Aguilar / **Montagem:** Robert J. Kern / **Cenários:** Edwin B. Willis / **Director Artístico:** Harry Oliver / **Conselheiro Técnicos:** Carlos Navarro, Matias Santoyo / **Assistente de Realização:** James D. Waters / **Interpretação:** Wallace Beery (Pancho Villa), Fay Wray (Teresa), Loe Carrillo (Sierra), Donald Cook (Don Felipe), Stuart Erin (Johnny Sykes), George E. Stone (Emilio Chavito), Joseph Schilkraut (General Pasqual), Katherine de Mille (Rosita), Henry B. Walthall (Francisco Modero), Philip Cooper (Pancho em criança), Frank Puglia (pai de Villa), Francis X. Bushman (Calloway), Adrian Rosley, Pedro Regas, David Durand, Henry Armetta, George Regas.

Produção: Metro Goldwyn Mayer / **Produtor:** David O'Selznick / **Cópia:** em 35mm, preto e branco, legendado electronicamente em português / **Duração:** 110 minutos / **Estreia Mundial:** Criterion de Nova Iorque, 10 de Abril de 1934 / **Estreia em Portugal:** S. Luís, 12 de Março de 1935.

Foi abaixo de cão a experiência de trabalho de Hawks com Mayer. Quando em 1933 já tinha tudo pronto com Faulkner para começar a filmar **Today We Live** foi-lhe(s) imposto à última hora a presença de Joan Crawford no elenco. "Holy smoke!" exclamou Faulkner e adivinha-se o que Hawks terá murmurado; mas a coisa foi por diante e acabou por ser um êxito. Ainda durante 1933 Howard Hawks viu-se forçado a dar um jeitinho em **The Prizefighter and the Lady**. Na sua versão dos acontecimentos ele garante que escreveu a história a pensar em Gable e Harlow, mas que lhe deram Max Baer e Myrna Loy, o que invertia completamente o modo como tinha pensado os personagens; recusou-se a dirigir o filme e lá o convenceram a tentar ensinar umas coisas a Baer, que depois W. S. van Dyke pegaria naquilo. Na versão do autor creditado do argumento, John Lee Mahin, a razão do afastamento de Hawks prendeu-se com a lentidão com que trabalhava. Corolando estes incidentes esteve **Viva Villa!**.

A produção coube a Selznick, então genro de Mayer - com Hawks faziam um belo ramalhete de obstinados! - e grande parte das rodagens decorreram no próprio México, onde, a crer nas histórias que Hawks conta, os temperamentos não andavam muito distantes daqueles que o filme descreve. Quando o realizador quis conhecer o homem que matara Pancho Villa, foi conduzido por uns rapazes suficientemente mal-encarados para que Hawks, muito na brincadeira, os dissuadisse de qualquer ideia malvada, desatando aos tiros a uma lata mantendo-a sempre a rolar - "that was all luck, you know" refere ele com modéstia - tal como

viria a fazer Montgomery Clift em **Red River**. Era tudo assim: desde o tipo que quis provar a Hawks que era capaz de matar um homem, demonstrando-o contra um taxista que ia a passar (o realizador lá conseguiu evitar tal proeza dizendo que preferia que o atirador estivesse com outra roupa), até ao fulano que se despistou de carro depois de ter provocado um enorme tiroteio de rua, rastejou para fora, sacou de um revolver e "blew his brains out", ali mesmo à frente de Hawks. Ao fim de dez semanas neste pitoresco ambiente, em que ainda por cima não havia comida e a equipa teve que subsistir à base de uma dieta constituída por laranjas e brandy, apareceu Eddie Manix, o director de estúdios da M.G.M. - qual Calloway, o jornalista pimpão, que entra uma só vez em cena em **Viva Villa!** à procura de novidades jornalísticas junto de Johnny Sykes - comunicando a Hawks "this isn't working out, Howard, you can go." Despedido de maneira tão lacónica, Hawks exigiu e obteve o pagamento dessas heróicas dez semanas de trabalho.

Outra versão, explica este despedimento com a recusa de Hawks em punir e substituir Lee Tracy que uma noite, perdido de bêbado, se pôs a mijar da varanda do seu quarto sobre o exército mexicano. De qualquer modo Tracy acabou mesmo por ser retirado do filme, cabendo a Stuart Erwin o desempenho de Johnny Sykes, o jornalista americano que acompanha Pancho Villa. Do mesmo modo, o lugar de Howard Hawks viria a ser ocupado por Jack Conway, o único nome que acabaria por surgir no genérico do filme. Assim acabava de vez a relação entre Howard Hawks e a M.G.M. É mais ou menos seguro que a Hawks pertencem todas sequências de exteriores e que Conway terminaria a película rodando em Hollywood as cenas de interiores, nem isto precisaria de ser explicado dada a evidência do estilo de Hawks - um estilo "evidente" desde os primeiros momentos da sua carreira - nos troços de película que lhe couberam; todavia se alguma confusão é possível, tal se deverá à também evidente submissão de Conway ao que lhe fora apresentado continuar. Não é líquido que Hawks filmaria daquele modo a morte do presidente Madero (Henry Walthall), mas que essa elipse poderia ter sido assinada por ele não será muito contestável.

Depois de **Scarface**, **Viva Villa!** foi a segunda colaboração entre o argumentista Ben Hetch e Howard Hawks, donde a notável semelhança entre a personalidade de Toni Camonte e a de Pancho Villa. Em ambos os casos assistimos a uma prodigiosa construção do personagem - que só um prodigioso escritor poderia conseguir - longe de qualquer unidimensionalismo sem que sobre ele possa cair a direita a espada dos juízes mortais. Pode-se afirmar que Villa é o espelho de Camonte, o que constitui a suprema ironia cinematográfica de **Viva Villa!**, pois a censura e os defensores dos bons costumes, recorde-se, tinham perante **Scarface** torcido o nariz à ideia de um gangster cuja maldade fosse justificada, não moralmente, claro, mas apenas ao nível de um claro entendimento das razões que o levavam a proceder de tal forma, que isso era demasiado ambíguo e poderia influenciar incorrectamente os espectadores, disseram; todavia tinham agora que pasmar diante de um personagem estruturalmente semelhante mas colocado desde o início no lado justo dos acontecimentos. Tal como Toni Camonte há um absoluto infantilismo na caracterização de Pancho Villa, ele não passa de um pobre diabo ingénuo, quase inocente na sua ignorância, se parece um monstro assustador é porque desconhece a sua força, sendo tão impulsivo, fiel, perigoso e justiceiro como uma criança. "What did I've done wrong?" pergunta-se no fim, já com uma bala no peito e ao perguntar isto revela-nos, ou melhor confirma definitivamente, que nunca teve a verdadeira dimensão do que realizou. Se adere a Madero e se a ele volta depois de um diferendo, é porque deseja acima de tudo ser amado, que gostem dele; apenas movido e reflectido pelos outros não o motiva qualquer espécie de consciência, desde a revolução em nome de uma vingança pessoal, até à tomada do poder só para executar em nome da fidelidade um programa político que vagamente acha justo, passando pela alucinante cena do roubo do banco, até à não menos alucinante obediência cega à sua mulher, Pancho Villa tudo provoca e tudo desencadeia de forma reactiva. Donde que no momento crucial em que tem que se defrontar consigo mesmo por interposta pessoa, lhe assume a tremenda loucura que o leva a

chicotear Fay Wray numa cólera onde se confunde o amor mais bestial com a raiva mais pura, cena significativamente vista através de sombras projectadas na parede, numa total sublimação. Fay Wray de novo nas mãos de King Kong.

Entre o sol de chapa do México, onde as multidões acorrem a um grito e combatem por razões que não sabem expor, e a soturna luz dos corredores do poder - e neste filme todas as sombras são lugares onde o poder se confronta, como é espantosamente encenado logo a princípio, quando o pai de Pancho, seguido dos peões, avança pela luz do pátio até à sombria balaustrada em que está o latifundiário - entre o carisma popular de Pancho Villa que põe as massas em movimento - e que movimento de massas tem este filme - e a irremediável solidão do confuso bandido e herói, entre o ingénuo entusiasmo justiceiro dos mexicanos e o contraponto do jornalista que sempre tudo pauta pelo modelo da democracia americana; entre o campo/contracampo dos diálogos palacianos e a legenda "Villa wants you!" que é vista em vez de ser dita naquela "montagem de atracções" que sinteticamente mostra a corrida às armas para apoiar o regresso de Villa; entre tudo isto, Hawks realizou a quase impossível tarefa de construir um filme épico enquanto intimista, onde a loucura nos chega através do intenso rigor da sua construção formal.

José Navarro de Andrade